

Sob este de

Sobre a dimensão cultural de Amílcar Cabral,
revolucionário e líder político

*MARCELO
Giseuth*

Na agenda do ano de 1983, a primeira data importante é 20 de Janeiro, o décimo aniversário do assassinato de Amílcar Cabral. Foi com grande emoção que aceitei o convite do amigo Aristides Pereira a este encontro de Cabo Verde, que reúne todos os amigos, os companheiros de luta, os intelectuais, os historiadores de Amílcar, para uma reflexão de três dias sobre a sua acção e o seu pensamento.

Escolhi, no que me diz respeito, um subtema do ponto 7, mas tudo o que vou dizer deve ser considerado como um simples testemunho de amizade para com a mais notável personalidade cultural e política da África revolucionária; uma contribuição ^{quanto ao} ~~de ponto de vista~~ de Cabral sobre a cultura italiana e a da Igreja de Roma.

Com efeito, e como tantos outros, fui ~~signatário~~, ^{um} ~~que~~ aqueles que conhecido Cabral e compreendido o método da sua luta política, disso tiraram uma lição de vida e um enriquecimento cultural, que modificaram em larga medida as suas posições ^{da início} ~~apartidistas~~ em relação ao Terceiro Mundo em geral e à África em particular.

Não gostaria de me referir apenas ao momento mais importante da nossa amizade, o da histórica audiência concedida a ele mesmo, a Agostinho Neto e a Marcelino dos Santos, pelo Papa Paulo VI, no Primeiro de Julho de 1970. Mas sobretudo à influência que Cabral teve sobre a cultura política italiana e sobre a história da Igreja. É preciso lembrar que naqueles dias a Itália começava apenas a sua aprendizagem dos problemas da independência dos povos negros, e que a Igreja, interessada embora no problema, procedia ^{ainda} ~~entusiasmada~~ com ~~desconfiança~~. Confundia-se então a significação de "Présence Africaine" com a da guerra dos povos de Angola, Moçambique, Guiné e Cabo Verde, ou então acreditava-se que uns eram católicos, bons e devotados, e os outros eram maus, revolucionários, perigosos.

Toda a gente aqui se lembra bem da desconfiança da maior parte das pessoas que acolheram a primeira conferência de solidariedade com os povos das colónias portuguesas, em Roma. Os mais empenhados entre nós acabavam de se distanciar do primeiro entusiasmo, ingênuo, do início dos anos sessenta: acreditara-se que o colonialismo tinha acabado. Vivia-se ainda sob a sedução do concerto dos poetas negros da África e da América, que através dos seus poemas, foram os primeiros a levar-nos a tomar consciência da tragédia negra, dos valores desconhecidos da civilização negra. Começava a duvidar-se de tal cenário quase romântico; no plano político activo notavam-se os indícios de alguma mistificação literária ilusória do problema.

A negritude de Cesaire era já submetida a uma severa autocrítica pelo seu próprio criador; Senghor insistia, definindo-a como uma mística, quer como uma filosofia, quer como uma contestação. O que a levava a entrar, por vezes, no grande leito da cultura "ocidental". Léon Damas, ~~por~~ seu lado, havia ~~tornar~~-se tornado céptico, mordaz, mas também dobrado sobre si mesmo, parecia renunciar. Face à acção, que a poesia ~~pressupunha~~ sem a definir, parecia-nos que era muito pouco o que se poderia fazer. Foi neste momento que nasceu como "inventor" duma estratégia nova, Amílcar Cabral, o mestiço de Cabo Verde, o décimo/segundo licenciado da sua colónia de origem, o engenheiro todo cálculos e claridade. Mas também o intelectual refinado, paciente, que alimentava o seu sonho de libertação. Um sonho bem diferente do sonho de Martin Luther King. Um sonho que não era um devaneio individual, uma espécie de inexprimível saudade. Era, antes, um projecto, um programa de acção e de vida, um plano de guerra, um plano de longa preparação específica, uma nova diplomacia, uma experiência do novo: uma ideia sobre o futuro e sobre o ~~necessário~~ estudo do tema de fundo: liberdade e necessidade. Ele saía da poesia para se questionar sobre o "que fazer?".

Foi primeiro um rebelde, em seguida um revolucionário e por fim o mais prestigioso dos líderes políticos: todos estes traços dominantes, uma vez juntos, faziam de Cabral um peso insuportável para o ~~equilíbrio~~ quase do Terceiro Mundo. Foi o que lhe disse, numa entrevista que ele me concedeu em Janeiro 1971 em Conakry, para a Televisão italiana (que a seguir a impediu por razões técnicas); e Amílcar corrigiu-me, declarando "Eu não chamaria equilíbrio à situação actual. Pela simples razão de que equilíbrio é uma palavra que subentende regras de justiça; e aqui não existe regra nenhuma que não seja de vexame, de violência". E com efeito, os equilíbrios, como se definiam impropriamente as relações de força que regulam o destino do Terceiro Mundo, bateram-se contra Cabral da única maneira que lhes restava; o assassinato, a eliminação física do homem que, desde então, teria determinado uma estratégia de mudança na situação africana.

Há dez anos a guerra estava quase terminada. No território libertado de Guiné-Bissau e Cabo Verde haviam-se realizado eleições regulares: 120 deputados eleitos (dos quais um terço apenas proveniente dos quadros do Partido) preparavam-se para ~~declararem~~ ^{declararem} a soberania nacional e se constituirem em livre República. Amílcar Cabral teria sido designado para a Presidência da República, e eleito. Teria feito uma entrada triunfal na cena internacional, com direitos iguais a todos os outros chefes de estado. Aqueles que lhe ~~tinham~~ haviam ^{a si mesmos} chamado um rebelde, um bandido vulgar, teriam que se desenganarem: os governos que se tinham batido contra ele, deveriam estabelecer relações diplomáticas normais com ele.

Ninguém ^{teria} escandalizado se o Papa o fosse receber na sala dos Paramentos, no Vaticano, exactamente como se tinha passado no 1º de Julho de 1970. Cabral teria tido todos os seus papéis em regra para todo o mundo - e teria

pôde dirigir a sua política de contestações ao sistema colonial com a sua autoridade moral e cultural. Teria havido ^{mais} ~~mais~~ + problemas muito graves para o equilíbrio internacional.

Ele era um grande intelectual, não um humanista tradicional. Não tinha escrito outros poemas sobre o desejo de liberdade, trazendo o perfil histórico e cultural da luta contra todos os tipos de colonialismo. Como havia dito na conferência de imprensa depois de audiência do Papa, "Nós consideramos o colonialismo uma etapa da história. Não pensamos que os autores do colonialismo sejam maus. O colonialismo é uma etapa de evolução humana com os seus aspectos negativos e os seus aspectos positivos: existe toda uma literatura sobre isto" (Roma, 2 de julho, 1970, na livraria Paesi Nuovi). Expressando o seu pensamento, ele afirmava os do anticolonialismo romântico e introduzia-os na filosofia da libertação, na libertação como factor de cultura.

"Nós consideramos que a nossa luta se desenvolverá como viver vivo através de sucessivas etapas de crescimento. De vez em quando uma etapa passa depressa, por vezes dura mais tempo. Nós não fazemos as fases: completamente quechamos cada vez que uma etapa é terminada... Se há um direito inalienável para cada homem e para cada povo à sua própria história, se o direito é alienado por circunstâncias históricas, é preciso reconquistar este direito. Porque só se chega à libertação nacional quando todas as forças produtivas ~~do~~ dum ~~o~~ homem ou dum país se encontram livres de toda a dominacão estrangeira. Neste sentido a libertação pode ser identificada à revolução. A todos os níveis da vida. Mas é preciso tender ao melhor tempo para a reconstrução dum nova vida."

Partindo da resistência armada até à resistência cultural e pacífica.



É preciso combater as influências negativas da velha cultura, destruir as fragquezas do colonialismo e construir um homem novo, mais forte, mais capaz... É preciso sempre lembrar que o povo não luta por ideias, não luta pelos círculos que estão na cabeça dos homens. O povo luta para obter vantagens práticas, pela paz, para viver melhor na paz e para o futuro dos seus filhos. Liberdade, fraternidade, igualdade, permanecem palavras vazias para o povo, se não se traduzem numa melhoria real das suas condições de vida".

Encontrei-o pela primeira vez, em 1969, em Paris, na livraria de Présence Africaine, onde ele comprava atlas geográficos, esfolhando-osmeticamente, bem ~~atualizados~~, bem cuidados do ponto de vista gráfico, não muito grandes, não muito caros. Como um bom mestre-escola, insistia com Alioune Diop sobre a importância da formação técnica-cultural. Disse ele: "a guerra também pode ser um meio de educação. Nós não gostamos dela, mas é preciso utilizá-la para libertar os territórios ocupados e também para formar os quadros dirigentes das futuras nações. Porque, depois da guerra haverá a paz. Os problemas resolvem-se na paz". Pouco depois, conversando no pequeno escritório de Alioune, de Rive-nor: "A luta de classes é um valor universal, não se pode reduzi-la a especificidades raciais e linguísticas. Entre nós, falar-se-á a língua mais apta a relacionar-nos com os outros povos da terra; não esqueceremos apenas a cultura, a história africana, para apresentar aos jovens como a única história. Os nossos jovens devem ser cidadãos do mundo, devem conhecer a história da África e dos outros continentes. Não nos queremos encerrar num esquema

individual, numa cultura específica; num mito tradicional; querer vivar como os outros, com os outros, medirmo-nos com todo o mundo, com brancos, negros e amarelos".

Isto foi para nós uma grande lição sobre os valores humanos do internacionalismo. Ele fez-nos compreender que a tradição era seguramente um grande valor, mas já não era mais o único valor único dos negros. Uma época tinha passado, outra hora ia começar.

Era uma perspectiva de grande importância. Como Cabral dizia na sua discurso "É preciso educarmos-nos a nós mesmos e aos outros a combater o medo, a ignorância, a limitar a sujeição à natureza; as forças da natureza, que a nossa inteligência económica tão consegue ainda dominar. Lutar sem inútil violência contra os aspectos negativos perigosos para os homens, que fazem ainda parte das nossas crenças e tradições. Convencer os homens de que chegaremos a vencer o medo, porque o homem é mais forte".

Enquanto se falava, lembrava-me da "canção do engenheiro" que os primeiros camponeiros libertados cantavam nos arrozais; "o engenheiro que tinha dito que a mentira se transformaria em verdade".

A opinião dos occidentais era outra coisa. Como diz Cabral no prefácio do livro de Basil Davidson LIBERTAÇÃO DA GUINÉ editado em italiano por Einaudi, "A Europa cartesiana e superdesenvolvida exige o objectivo que uma guerra pode dar: o dos feridos e dos cadáveres".

Ele era considerado um marxista intratigente, e ~~o~~ era-o. Mas não perdia de vista a sua própria independência de julgamento e de conduta, não se deixava hipotecar por ninguém. Apesar de a ajuda militar mais importante lhe chegar da União Soviética, declarou: "Antes de mais, essa ajuda não é tão importante como diz, minha senhora, uma vez que compete a nós julgar da sua ~~entidade~~^{eternidade}. Ela não é tão poderosa, ai de mim!, há países socialistas que nunca nos ajudaram, há outros que conseguem a ajuda e deixaram de o fazer depois. Nós aceitamos ajuda de quem que seja que não queira ajudar. Aceitamo-la de toda a gente pela simples razão de que necessitamos ajuda para os libertarmos. Pouco importa que seja dos socialistas ou da capitalistas. O que não aceitariam é ser condicionados pelas ajudas, não reconhecermos a ninguém o direito de nos ~~meter~~^{tirar} ~~hipotecar~~^{quem} na cativeiro, e se eles ~~quererem~~^{querem} fazê-lo, bater-nos-ecor contra eles, como no ~~tempo~~^{tempo} contra os portugueses." (Conferência da Imprensa, Roma, 2 de julho 1970, e Paesi Nuovi. Resposta à jornalista Magali von Brentano). Ele guardava bem a sua intratigência de revolucionário e a sua clareza de intelectual.

O Poder-ia-ia dizer que, a partir deste momento, Cabral iniciou a terceira fase da sua evolução política. O conselho do Papa de "se bater com meios políticos", ele compreendera-o imediatamente. No que diz respeito à experiência da Igreja, pode-se dizer que a ardiência concedida a Cabral, Neto e Dos Santos, revelou abertamente a posição da Igreja a favor da independência dos povos, cravou este conceito na consciência de

tornar os católicos à Igreja é pela libertação do homem, é contra toda a violência e todos a opressão. À saída do Vaticano após a audiência de Paulo VIº, Cabral disse: "Durante os 20 minutos da audiência a Igreja fez mais que o resto do mundo durante os dez anos da nossa luta".

A 16 de Outubro de 1972, falando na IV^a Convenção das Nações Unidas, ele pediu "que se apoiassem todas as ~~tentativas~~ iniciativas capazes de acelerar o fim da guerra e favorecer a paz", exprimiu a intenção "de estabelecer relações de cooperação com todos os povos da terra".

Vi Cabral pela última vez em Dakar, a 16 de Dezembro de 1972, no Congresso da União Progressista Senegalesa (UPS), onde Senegal o havia recebido como um chefe de estado. Apresentando-o, ele disse "Cabral é o exemplo da maior lucidez e coerente política africana do nosso tempo", e estridentes aplausos se ouviram na sala. Cabral respondeu: "Não vos falaria de diferenças raciais, mas da igualdade de destinos e de problemas. O PAIGC bate-se pela defesa da legalidade, da paz e do progresso de todo o homem que crêem no direito e na felicidade de cada homem".

Fiquei com a impressão de que ele estava consciente de haver começado um novo caminho, de haver começado a fase sucessiva e definitiva do seu curso político, para o qual se tinha preparado durante toda a vida. Mas em vez de prisioneiro da nova realidade, parecia-me aparecer privado, despojado, de qualquer coisa, dum espécie de defesa misteriosa, que até então, eu tinha discernido em entrevistas em torno da sua pessoa. Não me pode conter e

Dile-me: "Cabral, cuidado com o poder. Vais ser eu breve Presidente da República. Conserva a tua liberdade e toma cuidado. O poder não perdoa". Ele tranquilizou-me, dizendo: "Os problemas que restam são numerosos, talvez os mais difíceis. Eu sei, a paz é sempre mais difícil que a guerra".

Parece-me tratar-se de conclusão dum intelectual, mas não sabemos hoje, que a sua morte é o final da hipótese da paz.

O seu assassinato demonstrou que a sociedade violenta e conflitual do nosso tempo pode bem suportar a rebeldia, a guerrilha, a guerra mais brutal. Porém, não tolera a coerência do homem que quer atingir o fim da sua vida: assegurar ao seu destino uma validade histórica, que possa marcar uma nova e irrevogável etapa para o Progresso humano.

Marcella Glissant:

Simpósio de Cabo Verde
17, 18, 19, 20 de Janeiro 1983

Décimo aniversário da morte de António Cabral